



Vidas que enriqueceram as nossas vidas

«Despedimo-nos de companheiros cujas vidas enriqueceram as nossas vidas. Companheiros que souberam transformar em acção concreta, em combate ardoroso, em obra fecunda o seu amor à Pátria e ao povo» é o sentimento expresso no elogio fúnebre em memória das vítimas que pereceram com o Presidente Samora no trágico acontecimento do passado dia 19. O teor integral do elogio lido pelo membro do BP, Joaquim Chissano, é o que se transcreve em seguida:



«Vimos dizer o último adeus a Camaradas, a Companheiros de luta», Joaquim Chissano, lendo o Elogio Fúnebre

Camaradas e Amigos,

É um dever doloroso o que hoje nos reúne aqui.

Vimos para dizer o último adeus a Camaradas, a Companheiros de luta, a Dirigentes e Quadros do Partido e do Estado, a Combatentes internacionalistas.

Companheiros que, em diversas frentes, davam à Pátria o melhor do seu esforço e dedicação. Companheiros que souberam empres-

tar o brilho da sua inteligência, a força das suas capacidades à realização das tarefas de que o Povo os incumbiu.

Vimos para, pela derradeira vez, nos despedirmos de homens e mulheres que foram nossos pais, nossas mães, nossos esposos, nossos irmãos, familiares queridos que souberam conquistar para todo o sempre, o nosso amor.

Vimos para acompanhar à última morada amigos, estimados e respeitados, cujo desa-

parecimento físico abre nas nossas vidas uma ausência que nada poderá preencher.

Por isso é tão profundamente triste e doloroso este momento.

As mortes que hoje aqui choramos foram mortes honrosas. São mortes que têm o sentido e a dignidade da nobre missão, da qual os nossos companheiros regressavam, quando brutalmente foram arrancados à vida e ao nosso convívio.

Por isso, o Povo moçambicano inteiro se inclina hoje respeitosamente, perante a memória dos seus actos e do seu exemplo.

São companheiros que caíram no seu posto, tombaram em missão de combate. Missão que sabiam ser perigosa.

Foram de olhos abertos, conscientes dos riscos que corriam.

Foram sem hesitar, porque conscientes de que era isso que o Povo e a Pátria deles esperavam.

Tombaram gloriosamente, em missão de luta contra o colonialismo, o racismo e o «apartheid».

Tombaram como combatentes consequentes contra o terrorismo, a guerra e a agressão.

Tombaram como defensores dos mais pu-

ros e nobres ideais do nosso Povo e de toda a humanidade.

Tombaram ao lado do nosso Dirigente máximo, dia trágico que, para sempre, a nossa História evocará com as cores sombrias do luto e da dor.

Tombaram mas, para sempre, viverão na memória e no coração do Povo.

Neste momento grave da última despedida, recordamos solenemente:

LUÍS MARIA DE ALCANTARA SANTOS, Ministro dos Transportes e Comunicações. Nasceu a 26 de Julho de 1928. Foi um dirigente que deixou profundamente gravado o seu nome, o seu esforço e dedicação exemplar na história da construção do sistema de transportes nacional virado aos interesses do nosso Povo.

Com uma infância e juventude difíceis, logo após a sua licenciatura em Engenharia Civil, consagrou a sua vida como engenheiro ferroviário em Moçambique.

Técnico de alta competência, participante conceituado em simpósios, jornadas e congressos de engenharia, era ainda membro vitalício da Associação Internacional Permanente dos Congressos de Navegação. Foi Professor Uni-



Aspecto de duas das alas no átrio do Palácio do IV Congresso: «tombaram, mas para sempre viverão na memória e no coração do povo»

versitário em cadeiras da especialidade de Hidráulica Marítima, com trabalhos publicados sobre esta matéria.

Fez parte do Governo de Transição, como Ministro das Obras Públicas.

Após a conquista da Independência Nacional e como Director Nacional dos Portos e Caminhos de Ferro, empreendeu uma acção marcante, conseguindo colmatar o vazio que a debandada de milhares de estrangeiros criou, mantendo operativa a estrutura ferro-portuária, de importância vital para a economia do País.

Dirigente lúcido, soube aliar a sua rica experiência pessoal aos vastos conhecimentos científicos e técnicos, à força política do seu carácter, procurando transmiti-lo aos que com ele lidavam.

Personalidade reconhecida e respeitada internacionalmente, quer pelo seu valor como dirigente, quer pela sua capacidade técnica, deixou uma importante obra.

Foi o edificador da Marinha Mercante nacional e das bases do seu desenvolvimento.

Foi o impulsionador e autor de uma política de encaminhamento do tráfego da região para os portos nacionais, dirigido aos interesses nacionais e regionais.

Foi o edificador da Escola Ferroviária de Inhambane, da Escola Náutica de Moçambique e da Escola Portuária.

Foi o construtor da estruturação do Aparento de Estado nos sectores rodoviário e ferroviário.

Imprimindo um relacionamento com os trabalhadores na base da franqueza, da compreensão e simpatia, deixou em cada um dos milhares de trabalhadores dos Transportes e Comunicações, um amigo.

Como membro conseqüente do Partido Frelimo, soube sempre ajudar a desenvolver nos seus colaboradores a consciência política do dever de cumprir correctamente a tarefa atribuída pelo Partido.

Consciente da vital importância da SADCC para a independência económica dos países da região em relação à África do Sul dedicou-se profundamente à dinamização desse projecto.

Luís Maria de Alcântara Santos, era Presidente do Comité de Ministros dos Transportes e Comunicações da SADCC.

Nesta qualidade foi um dos pilares desta organização. O desenvolvimento e a credibilidade da SATCC muito se deve à sua perseverança e labor, ao seu profundo conhecimento geo-económico-político da África Austral, aliado ao seu conhecimento de toda a complexidade e problemática dos transportes na região.

Neste contexto, o projecto do «Corredor da Beira» deve muito à experiência e aos conhecimentos científicos do Eng.º Alcântara Santos, bem como ao seu dinamismo e espírito empreendedor.

Luís Maria de Alcântara Santos sempre

promoveu o desporto e muito em particular o aos clubes ferroviários. Foi Vice-Presidente do Comité Olímpico Nacional.

A granueza do seu espírito, o seu trato feito de simpacidade, de simpatia e compreensão os seus elevados conhecimentos técnicos e a seriedade do seu comportamento, fizeram de Luís Maria de Alcântara Santos um homem respeitado e querido, homem do tempo novo moçambicano.

Em 1985 a Comissão Permanente da Assembleia Popular distinguiu-o com a Ordem do Trabalho Socialista do 1.º Grau, pelas suas qualidades de trabalho e patriota destacado.

Luís Maria de Alcântara Santos deixa viúva e três filhos.

Recordamos,

JOSÉ CARLOS LOBO. Nasceu em 14/9/42, em Quelimane, filho de Carlos Lobo Chibai e de Catarina Ernesto.

Aos 11 anos de idade, sob a supervisão do pai, terminou o ensino rudimentar, prosseguindo a escola primária numa missão católica em Quelimane, para só em 1959, apesar de ter sido sempre um aluno brilhante e aplicado, terminar o 2.º ciclo do ensino secundário. Em 1963 matriculou-se no 3.º ciclo liceal no Liceu João de Azevedo Coutinho, de Quelimane, mas já as ideias de liberdade e de combate ao colonialismo germinavam activamente em si. Assim, em 1964, combinando-se com um grupo de estudantes como ele, organizou a sua fuga clandestina do País, apresentando-se no posto da FRELIMO de Malossa.

Ingressando nas fileiras da FRELIMO, fez treino político-militar em Kongwa.

Evidenciando elevado nível de conhecimentos e grandes qualidades pedagógicas é afectado ao Instituto Moçambicano para a seguir ser designado seu Deão.

Destacado para prosseguir os seus estudos no exterior, conclui em 1973 o curso de Economia e Geologia pela Universidade de Long-Beach State.

No estrangeiro, como estudante esclarecido da FRELIMO organizou sessões de esclarecimento sobre os objectivos da luta contra o colonialismo português.

Teve ainda um papel importante na comunidade estudantil moçambicana quando da crise do 1968/69 no seio da FRELIMO defendendo os princípios da linha revolucionária.

Terminado o seu curso regressa, faz treino em Nachingwea e a seguir é nomeado Reitor da Escola Secundária da FRELIMO em Bagamoyo e depois em Ribauè, após a Assinatura dos Acordos de Lusaka.

Como professor formou os seus alunos no amor e dedicação à Pátria e à Revolução, neles inculcando a sua contagiante vitalidade e alegria. Inicia a sua carreira diplomática em 1975 como Director da Divisão de Organizações In-

ternacionais no Ministério dos Negócios Estrangeiros, cargo que desempenhou com a eficiência e o brilhantismo que lhe eram próprios.

Foi o primeiro Embaixador da República Popular de Moçambique no mundo.

Como Representante Permanente junto da Organização das Nações Unidas participou em múltiplas acções de grande envergadura política, designadamente nos trabalhos do Conselho de Segurança, que determinaram o apoio internacional ao reforço da nossa capacidade defensiva. Participou activa e talentosamente nas negociações para a independência do Zimbábue e da Namíbia, no Movimento dos Não-Alinhados e na luta pela implantação da Nova Ordem Económica Internacional.

Nomeado Ministro dos Recursos Minerais em 1983, volta ao Ministério dos Negócios Estrangeiros no ano seguinte como Vice-Ministro.

Militante íntegro e consequente é eleito de-

Goa, onde concluiu o curso de Engenharia Química.

Com vinte e dois anos iniciou o itinerário que o fez correr o mundo e desenvolveu as potencialidades que transportava consigo e que o vieram a revelar como um intelectual de traço vigoroso e produtivo.

Na indignidade da discriminação racial de que foi alvo em Lourenço Marques, germinou a revolta que amadureceu em inteligência política.

De Lourenço Marques partiu para Grenoble-França, onde fez estudos superiores. Em Grenoble insere-se nos meios intelectuais, onde floresciam as ideias de libertação dos países colonizados do Terceiro Mundo.

Ngyen Kat Vienh, nacionalista vietnamita com alta responsabilidade na luta de libertação do seu país, influenciou especialmente Aquino de Bragança, fazendo nele desabrochar a di-



«Despedimo-nos
de companheiros
cujas vidas
enriqueceram
as nossas vidas»

putado à Assembleia Popular nas primeiras eleições gerais e membro do Comité Central do Partido Frelimo no IV Congresso.

Como público reconhecimento do seu engajamento desde a primeira hora na Luta de Libertação Nacional, do elevado mérito alcançado nas tarefas da Educação e Ensino, na consolidação da Independência e defesa das conquistas revolucionárias, José Carlos Lobo foi agraciado com as Medalhas de «Veterano da Luta de Libertação de Moçambique», «Bagamoyo» e «20.º Aniversário da FRELIMO».

José Carlos Lobo deixa viúva e dois filhos menores.

Recordamos,

AQUINO DE BRAGANÇA, nascido em Goa em 6 de Abril de 1928. Cresceu numa família de funcionários de Alfândega, estudando em

mensagem universal de luta de libertação dos povos oprimidos.

Aquino de Bragança encontrou-se com Marcelino dos Santos e juntos vão viver para Paris, onde desenvolvem uma actividade intensa, participando na agitação e debate das ideias de libertação e nas lutas estudantis, forjando apertados laços de amizade combativa com outros nacionalistas africanos.

No turbilhão de ideias que se caldeava em Paris no fim dos anos 50 e princípios da década de 60 e com a vivência daqueles que mais tarde se revelaram os dirigentes dos países libertos da exploração colonial, Aquino ganha experiência de luta e vive intensamente o processo de libertação das colónias francesas.

A sua solidariedade de oprimido fê-lo ligar-se particularmente a Marrocos, onde se fixa quando o Rei Mahomed V regressa e onde de-

sempenhara funções de Secretário de Redacção do conhecido jornal sindicalista «Al Istiklal».

Aquino de Bragança exerce ainda funções de Secretário Particular do grande dirigente nacionalista marroquino Mhdy Ben Barca.

Em 1962 abandona Marrocos para dador da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas, sendo eleito Secretário ao lado do Secretário-Geral Marcelino dos Santos.

Em 1962 abandona Marrocos para se instalar na Argélia, de onde organiza o apoio aos combatentes de libertação das colónias portuguesas. É fundador do jornal «Revolution Africaine» e colaborador no jornal «El-Moudjahid».

Em Marrocos e na Argélia organiza a recepção aos militantes em trânsito ou carecidos do seu apoio. Nessa altura conhece e convive com eminentes líderes da Revolução africana como Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Nelson Mandela, Eduardo Mondlane e Samora Machel.

Os primeiros fornecimentos de armas aos movimentos de libertação fazem-se por intermédio de Aquino de Bragança, que organiza igualmente o apoio logístico aos movimentos de libertação.

É porta-voz da luta de libertação das colónias portuguesas, desenvolvendo intensa actividade de jornalista na intransigente denúncia do colonialismo e do imperialismo e na obtenção do necessário apoio internacional.

Consciente da necessidade de conjugar todos os esforços na luta, nem por isso deixou de denunciar aqueles que se mascaravam com o nacionalismo para alcançarem fins mesquinhos e vis como Holden Roberto e Jonas Savimbi.

Com firmeza, combate nos seus escritos e no seu trabalho de Relações Internacionais o racismo sul-africano e o racismo português.

Ciente da dimensão histórica da luta em todas as suas componentes, coleccionou grande quantidade de documentação que agora constitui uma fonte viva, e directa, para o conhecimento do processo da luta de libertação nacional.

Em 1974 foi chamado a participar nos Acordos de Lusaka. Nomeado em 1975 Director do Centro de Estudos Africanos então recém-criado, a partir daí organiza e desenvolve trabalho de pesquisa e análise de informação teórico-política designadamente sobre a questão rodésiana e o nacionalismo no Zimbábue, investigação sociológica sobre o mineiro moçambicano na África do Sul e ainda outros estudos de interesse histórico e sociológico diversificados, avultando a obra «Quem é o inimigo», que o deu a conhecer como cientista histórico no mundo.

Aquino de Bragança era membro da Associação Internacional de Sociologia e participante activo de diversos fóruns internacionais,

onde se debatiam assuntos relativos à África, particularmente à África Austral e aos movimentos de libertação.

Casou-se em primeiras núpcias com Marina de Bragança, com quem teve dois filhos.

Aquino de Bragança foi agraciado com a Ordem Eduardo Mondlane, do 2.º Grau, como reconhecimento pelo alto merecimento dos seus actos de solidariedade na luta contra o colonialismo, o racismo, o fascismo e todas as formas de opressão e exploração, pelo grande mérito das acções que desenvolveu a favor da paz, amizade e solidariedade entre os povos e pelo progresso da Humanidade, e pela sua contribuição de valor no campo da educação e cultura.

Aquino de Bragança deixa viúva e dois filhos.

Recordamos,

FERNANDO HONWANA, nasceu em 24 de Novembro de 1951 no seio de uma família numerosa e muito unida, no distrito da Moamba.

Fernando Honwana fez a escola primária na Moamba.

No então Liceu Salazar, em Lourenço Marques, iniciou os estudos secundários, que interrompeu em meados dos anos 60, seguindo para a Swazilândia, onde veio a completar a educação geral de nível secundário na Waterford School.

Bom aluno, obteve uma bolsa para a Universidade de York, na Grã-Bretanha, aí fazendo o bacharelato em Ciências Políticas e Sociais no ano de 1963.

Durante a sua permanência na Swazilândia, Fernando Honwana contactou com colegas que eram da FRELIMO, o que, aliado à tradição familiar em que cresceu, o fez já membro da FRELIMO ao partir para a Universidade de York.

Terminado o bacharelato, apresenta-se em Nachingwea como recruta.

Terminada a formação militar foi afectado em Cabo Delgado a missões combativas que desempenhou com coragem e eficiência. Como combatente criava à sua volta um ambiente de amizade e alegria contagiante, transmitindo sempre os seus conhecimentos.

Em 1974, iniciadas as negociações entre a FRELIMO e o Governo português, Fernando Honwana foi convocado e assim iniciou o que seria a sua vida de trabalho com o Presidente da FRELIMO, Samora Moisés Machel.

Terminadas as conversações que conduziram ao Acordo de Lusaka em 1974, partiu para a República Democrática Alemã conjuntamente com outros camaradas, onde fez um curso militar.

Regressando ao país pouco antes do 25 de Junho de 1975, Fernando Honwana vem a fazer parte da primeira Direcção do Serviço Nacional de Segurança Popular.

A partir dessa altura, desempenhou missões de grande complexidade e delicadeza, tanto

A vós agradecemos o amor, o carinho, o desvelo, o apoio, a harmonia no lar»



no cumprimento do seu dever internacionalista, como no âmbito estritamente nacional, até ser enviado para a República Popular e Democrática da Coreia, onde fez o curso de Oficial de Comandos com excelentes resultados.

Teve uma participação de destaque internacional nas negociações de Lancaster House, vindo a dirigir a Representação da República Popular de Moçambique no Zimbábue até à Independência deste país.

Esteve ainda envolvido nas negociações referentes à Namíbia.

Pelo seu mérito pessoal e pela profunda confiança que nele depositaram os órgãos superiores da FRELIMO e do Estado, Fernando Honwana veio a ser chamado para a Presidência da República, onde exerceu desde 1974 as altas e honrosas funções de Assistente Pessoal do Presidente da República.

Foi delegado ao 3.º e 4.º Congressos do Partido Frelimo e eleito deputado à Assembleia Popular nas primeiras eleições gerais.

Em 1980, foi-lhe atribuída a patente de Tenente-Coronel.

No mesmo ano recebeu a Medalha de «Veterano da Luta de Libertação de Moçambique», medalha que premiou a sua coerente dedicação à causa do Povo, a sua generosa entrega à Revolução.

No SNASP, Fernando Honwana foi um dirigente respeitado e querido pela sua competência e humanismo.

Foi um intelectual brilhante e lúcido.

Homem de vasta cultura, de análise profunda e de sentimentos delicados, Fernando Honwana consubstancia o exemplo da ética pro-

fissional, do amor militante pela Pátria e pelo Partido.

Fernando Honwana deixa viúva e dois filhos menores.

Recordamos,

ALBERTO CANGELA DE MENDONÇA, Chefe do Protocolo Nacional, nasceu em Hoimóine a 10 de Setembro de 1941 no seio de uma numerosa família camponesa.

Cresceu amanhando a terra, pastoreando e ajudando a mãe a cuidar dos irmãos mais novos.

Aos 10 anos começa a estudar, completando a 4.ª classe numa missão católica, onde é particularmente influenciado pela personalidade de um dos seus professores.

Tira depois o curso de dactilografia e é com o dinheiro ganho de dia que continua os estudos à noite.

Homem inteligente e lúcido, vai relacionar-se com personalidades que irão contribuir para alargar o seu horizonte intelectual, umas pertencentes à oposição ao Governo colonial, outras nacionalistas e religiosas com posições progressistas. É na Beira que conhece e se relaciona com Filipe Samuel Magaia, nacionalista consequente e herói da luta de libertação.

De vítima passiva da discriminação racial, Cangela de Mendonça compreende que só através de formas colectivas de luta se pode banir o colonialismo.

Torna-se simpatizante activo da FRELIMO vindo a ser preso pela PIDE em 1966. Mantido incomunicável durante 90 dias, foi maltratado de tal modo que contraiu doença de que não mais recuperou.

Em Outubro de 1966 foi restituído à liberdade após vários meses na cadeia da Machava.

Compulsivamente transferido para Quelimane depois de saído da cadeia, só com a independência se libertou da teia que sobre ele fez impender o Governo colonial.

Em 1974 é nomeado Governador da Província de Sofala, cargo que exerceu até 1975, com a mesma dignidade, competência e zelo com que desempenhou todos os que lhe vieram

a ser cometidos depois, designadamente: o de Secretário-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros até 1977, o de Director da Empresa ROMON em Nampula até 1981, o de Director da Empresa ROMOS em Maputo até 1982 e finalmente o de Director Nacional do Protocolo desde 1982 até à infortunada data do seu falecimento. É Cangela de Mendonça que sistematiza as normas e procedimentos de Protocolo; elabora manuais e directivas para o Protocolo que permitiram melhorar este serviço.

Alberto Cangela de Mendonça fez uma trajectória de vida assente no seu esforço pessoal de autodidacta, no seu respeito pela dignidade humana, na inesgotável sede de conhecer e amor pela Pátria.

Trabalhador organizado e metódico, gostava de partilhar e transmitir conhecimentos aos colegas, assim granjeando admiração, respeito e amizade generalizados.

De personalidade cortês e afável, nem por isso deixava de exigir o estrito cumprimento das obrigações àqueles com quem trabalhava, cumprindo-as ele próprio.

Como membro do Partido, Cangela de Mendonça assumiu de forma exemplar o método e estilo de trabalho do Partido, sabendo mobilizar os seus colegas e amigos para o cumprimento das tarefas que lhes eram confiadas.

Alberto Cangela de Mendonça, deixa viúva e seis filhos.

Recordamos,

MURADHALI MAMADHUSSEN, Secretário Particular de Sua Excelência o Presidente da República.

Muradhali Mamadhussen nasceu em Ribauè, em 25 de Maio de 1950 no seio de uma família numerosa. Fez a escola primária em Iapala, completando o ensino secundário em Nampula.

Em 1970 matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, aí se mantendo até 23 de Abril de 1974, altura em que interrompeu os seus estudos.

O seu tempo de permanência em Portugal foi caracterizado por grande actividade política e intelectual, participando ele activamente, ao lado do Povo português, na luta anticolonial e antifascista, quer em trabalho político desenvolvido na própria Faculdade, quer em manifestações políticas, quer no apoio aos que clandestinamente fugiam de Portugal fascista para se juntarem à FRELIMO.

Muradhali Mamadhussen foi um activista brilhante e dinâmico, permanentemente disposto a ajudar colegas e camaradas.

Foi jornalista, chegando a ser chefe de Redacção do «Notícias da Amadora», jornal conhecido na época pelas suas vigorosas posições políticas de esquerda.

Destacou-se como dirigente estudantil, chegando a candidatar-se a delegado de curso do 4.º ano jurídico em 1973, vindo a ser suspenso nesse ano, por se ter oposto activamente à in-

ENSINAMENTOS DE ALCÂNTARA SANTOS JAMAIS PODERÃO SER ESQUECIDOS

Falar da inconfundível personalidade do Engenheiro Alcântara Santos não é tarefa fácil e, nas actuais circunstâncias é, isso sim, extremamente doloroso.

Desapareceu fisicamente do nosso convívio um verdadeiro patriota que dedicou todo o seu saber e larga experiência ao desenvolvimento deste nosso querido País.

No sector dos transportes e comunicações, onde sempre trabalhou e foi dirigente durante anos, vê-lo com invulgar competência e comprovada capacidade de trabalho.

Sabia, como poucos, que o sector foi e ainda é factor de divisão na zona e não factor de união e um instrumento poderoso do poder colonial para dividir os povos. O sector apresentava-se-lhe, pois, como o sector prioritário para a libertação económica da zona.

Os ensinamentos e lições que transmitiu a todos quantos com ele tiveram o privilégio de trabalhar jamais poderão ser esquecidos. Em todos procurava, outrossim, incutir que o

trabalho é a medida de todos os valores e do prestígio social do indivíduo e não apenas fonte de meio de subsistência.

Cauteloso e seguro, era de uma impressionante eficácia. Para ele e com ele, era forçoso ultrapassar a habitual atitude administrativa, amorfa e incharacterística e transformá-la em atitude participativa, operacional e dinâmica.

O Engenheiro Alcântara Santos deixa o seu nome ligado a numerosas realizações e projectos que muito contribuem para o nosso desenvolvimento.

Ao arranque e crescimento da SATCC não é estranho o seu papel preponderante, com o seu extraordinário dinamismo e a sua convicção na luta.

Quer na vida pública quer na sua vida particular, o Engenheiro Alcântara Santos foi um cidadão exemplar.

Armindo de Brito

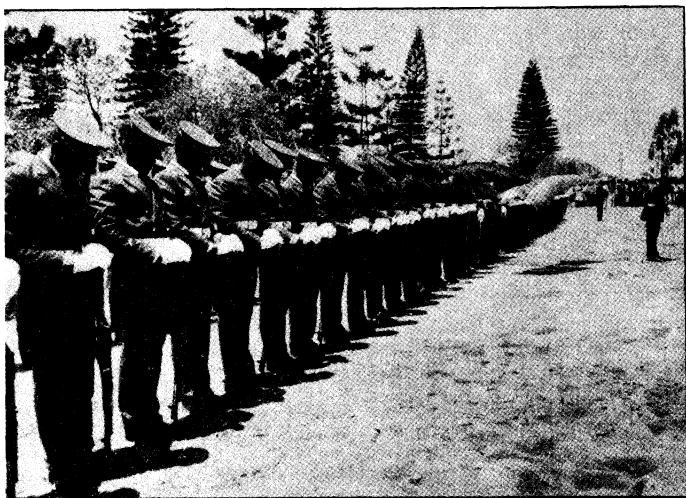
Maputo, Outubro de 1986

trodução de ex-comandos na Faculdade para intimidar e agredir os alunos.

Após o 25 de Abril fez parte da Direcção da Casa de Moçambique, onde desenvolveu importante trabalho de mobilização e esclarecimento dos moçambicanos residentes em Lisboa, combatendo as manobras de divisionismo lançadas pelos grupos fantoches e estabelecendo uma ponte de ligação e fraternal amizade com organizações portuguesas progressistas.

Em 1975 regressa a Maputo, e desempenhou até 1978 os cargos de Director da Revista «Tempo», Director da Agência Moçambicana de Informação e Director Nacional de Informação, cargos que desempenhou com dedicação, competência e probidade.

Em 1978 Muradhali Mamadhussen foi afecto na província de Cabo Delgado, aí exercendo funções de Director Provincial de Apoio e Con-



«Todos prosseguiremos o seu combate»

trolado num momento em que, por decisão superior do Partido e do Estado, foi declarado prioritário o reforço da organização e direcção do Aparelho de Estado a nível provincial.

Trabalhador incansável e dedicado, participou activamente na dinamização do processo de trabalho das Assembleias do Povo e dos Conselhos Executivos formados em 1977.

Pelas suas altas qualidades de trabalho foi nomeado por Sua Excelência o Presidente da República para exercer o cargo de seu Secretário Particular.

No exercício destas funções, revelou-se inteiramente merecedor da confiança em si depositada pelo mais alto dirigente do nosso Partido e Estado.

Pela confiança que mereceu, foi designado para cumprir muitas missões delicadas como enviado especial do Presidente da República.

Muradhali Mamadhussen foi um trabalhador dedicado que realizou com zelo e amor a sua actividade de Secretário Particular.

Muradhali Mamadhussen, personalidade viva e dinâmica — de irradiante bom-humor, trabalhador incansável, deixa em nós uma saudade

imensa. Foi um colega prestável, um profissional criativo e um camarada firme e inteligente.

Casado com Alcinda Abreu, membro-dirigente da Organização da Juventude Moçambicana, deixa dois filhos de tenra idade.

Recordamos,

IVETE LÍDIA LUISA AMÓS, foi Secretária Pessoal do Presidente do Partido Frelimo nos anos de 1979 a 1981 e era Secretária do Presidente da República desde 1982.

Jovem com um trajecto de vida íntegro e moral elevado, personalidade atenciosa e dedicada, nasceu em Chicucue em 12 de Novembro de 1959. Criada no seio de uma família com a qual mantinha laços muito estreitos de interdependência, veio a tornar-se o seu principal sustentáculo, custeando os estudos dos irmãos e transportando para o seio da família o exemplo de militante revolucionária.

Estudante aplicada e boa companheira, vai fazendo os seus estudos, neles alcançando sempre bons resultados até 1977, data em que iniciou formação político-militar, e em Ciências Sociais pela frequência do Centro de Estudos Africanos até 1979.

Trabalhadora incansável no cumprimento das suas obrigações profissionais constitui um exemplo de competência e de capacidade de transmitir com dignidade e modéstia os seus conhecimentos.

Estabelecendo relações de sã camaradagem alcançadas no trabalho, criou em cada colega um amigo.

Organizadora de toda a documentação, mantinha os «dossiers» actualizados nunca esquecendo os detalhes importantes. Acompanhando o desenvolvimento das acções resultantes das dificuldades porventura surgidas, contribuiu decisivamente para o êxito de múltiplas e delicadas tarefas.

Acompanhando o Presidente da República em muitas deslocações ao estrangeiro cuidava com alta presteza de todos os pormenores, garantindo que tudo funcionasse correctamente na hora exacta.

Foram estas altas qualidades que fizeram de Ivete Amós, o quadro de grande confiança e merecido respeito, Secretária Pessoal do nosso querido Presidente.

Recordamos,

OSVALDO FERNANDO DE SOUSA, nascido a 2 de Março de 1962, na cidade da Beira, província de Sofala.

Iniciou os seus estudos, em 1968, na cidade onde nasceu e, após ter transitado do ensino liceal para o curso geral do comércio, em 1975, conclui a sua formação em 1979.

Aluno disciplinado e com bom aproveitamento escolar, muito cedo manifestou especial interesse pela língua inglesa, vindo a ingressar em 1980 no Instituto de Línguas, onde terminou

o curso com distinção, ingressando nos quadros do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Moçambicano consciente e responsável, logo após a queda do colonial-fascismo, adere entusiasmadamente aos princípios revolucionários da FRELIMO e milita activamente, desenvolvendo intensa actividade política nos bairros e escolas.

Forjado nesta militância de base, e consciente das grandes tarefas de reconstrução nacional, Osvaldo Fernando de Sousa manifestou desde logo a sua prontidão em cumprir qualquer tarefa que lhe fosse confiada pelo Partido e pelo Estado, na defesa dos interesses do Povo e da Revolução.

Membro da OJM desde a sua criação, nesta organização se evidencia como jovem sóbrio, dinâmico, culto, estudioso e excelente intérprete de inglês.

Jovem preocupado e sedento de conhecimentos, Osvaldo Fernando de Sousa, dedica-se ao estudo de Psicologia, Economia Política e Literatura.

A sua profunda sensibilidade humanista leva-o também a procurar na poesia o meio de transmitir o seu sentir de vida e dos homens.

As altas qualidades profissionais e de militância que caracterizaram a sua dedicação à

causa do Povo, fizeram com que fosse chamado a assumir a honrosa função de intérprete de língua inglesa de Sua Excelência o Presidente da República, Marechal Samora Moisés Machel, tarefa que executou com zelo e brio, revelando-se colaborador exemplar.

No desempenho destas altas funções encontrou a morte ao serviço da Pátria. Da Pátria a que dedicou a sua juventude militante.

Osvaldo Fernando de Sousa, deixa viúva e um filho menor.

Recordamos,

BERNARDINO CARLOS DOS SANTOS CHICHE, nascido em 17 de Julho de 1961, na cidade de Xai-Xai, província de Gaza.

Filho de um casal de enfermeiros, inicia em 1967 os seus estudos na ex-Escola Rebelo da Silva, na então cidade de Lourenço Marques, concluindo a 9.ª classe do curso geral no ano de 1978.

Já nos bancos da escola revelou ser um aluno dedicado, com bom comportamento e aproveitamento, vindo a evidenciar-se como um dos melhores na disciplina de francês.

Este seu interesse pela língua francesa levou-o a ingressar no Instituto de Línguas. Aqui, novamente voltou a distinguir-se como o me-

EVOCÇÃO DO JORNALISTA AQUINO DE BRAGANÇA

Aquino de Bragança: conheci-o bem e, ao mesmo tempo, mal. Conheci-o mal, na medida em que não se proporcionaram ocasiões de convivemos tão longa, tão assiduamente, como seria meu desejo e proveito. Conheci-o bem, suficientemente bem, para o estimar profundamente e o admirar também.

Tal conhecimento nasceu e desenvolveu-se em função e no plano da nossa profissão comum — o jornalismo. E, justamente por estar persuadido de que o seu perfil de jornalista pode e deve ser apontado como modelar ao exercício da profissão em Moçambique, é que escrevo estas palavras de evocção, mesmo arriscando-me a que elas não consigam retratar Aquino com a dimensão que ele ganhou nesta função de intervir para melhorar a sociedade em que se inseria.

Conheci Aquino suficientemente para lhe encontrar sem equívoco nem falha a qualidade que mais estimo num ser humano — a bondade, a bondade como essência, como emanção de raiz de cada acto, de cada julgamento. Ele era, sem dúvida, uma daquelas pessoas de eleição de

quem o povo diz, na sua ancestral sabedoria e mistura com o sentimento do mais inestimável apreço: «Por ele não vem o mal ao mundo.»

Essa bondade, assumindo o aspecto da tolerância, não impedia, porém, que o seu pensamento muito lúcido, em chegando o momento das opções ideológicas, não distinguisse inequivocamente os amigos dos inimigos, não preferisse o julgamento sereno e justo e inflexível também. Entretanto, ele funcionava, aos meus olhos, como a sua mais cativante qualidade, talvez como que a raiz profunda do seu humanismo.

Foi em 1974, em Lusaka, que conheci Aquino de Bragança. Encontrámo-nos frequentemente durante esse ano e o seguinte, por força do seu interesse pela orientação dada ao «Notícias» e também porque, naquela Redacção, o encarávamos como um abalizado conhecedor da situação do país e também um categorizado jornalista, como um mestre de pensamento ou ainda como «compagnou de route» ou, mais simplesmente: «copain», como era seu gosto e

lhor aluno, razão pela qual o Ministério da Educação lhe concedeu uma bolsa de estudos de especialização, na Universidade de Rennes, em França.

No decurso da sua especialização estagiou no Ministério dos Negócios Estrangeiros e na Comissão Nacional do Plano.

Em 1982, finda a sua formação superior, é afecto à Comissão Nacional do Plano, onde passou a exercer as funções de tradutor-intérprete de língua francesa.

Bernardino Chiche, como jovem, tornou-se membro e militou activamente na Organização da Juventude Moçambicana, participando em várias conferências internacionais, tanto no país como no exterior.

O mérito e as qualidades profissionais evidenciadas levam a que seja, frequentes vezes, solicitado a dar o seu contributo em diversos fóruns internacionais.

A seriedade e eficiência do seu trabalho, o seu comportamento e espírito patriota, conduzem a que Bernardino Carlos dos Santos Chiche, seja chamado a assumir a honrosa função de intérprete de francês de Sua Excelência o Presidente da República, Marechal Samora Moisés Machel.

No desempenho destas altas funções en-

controu a morte ao serviço da Pátria. Da Pátria a que dedicou a sua juventude e conhecimentos.

Recordamos,

O Major DANIEL MAQUINASSE, fotógrafo oficial do Presidente da República Popular de Moçambique e do Partido Frelimo, nascido em Manica a 11 de Novembro de 1946, filho de uma família camponesa.

Foi compulsivamente incorporado no exército colonial em 1967, donde desertou em 1968, apresentando-se em Nachingwea.

Aqui efectuou treinos militares durante os quais foi considerado apto a ser afecto a missões combativas, em Cabo Delgado.

A sua vocação pela fotografia, que já se revelava quando era criança, foi reconhecida quando se tornou prioritário organizar o sector da Informação da FRELIMO, sendo então Daniel Maquinasse chamado para Nachingwea e seleccionado para frequentar o 1.º Curso Intensivo de Fotografia, ministrado em Dar-Es-Salaam.

Nas difíceis condições resultantes da falta de meios e das dificuldades económicas que atravessava a FRELIMO, a Daniel Maquinasse e seus colegas vai ser exigido o maior engenho

hábito chamar-nos, ao jeito da camaradagem que vivera na Argélia e em Paris.

Recordo-me bem da insistência com que nos recomendava, fazendo ironia, aquela ironia que era uma forma corrente de expressar o seu pensamento, que instalássemos uma metralhadora na Redacção do jornal e implacavelmente abatéssemos os adjectivos que, então, como uma praga, infestavam as páginas do «Notícias». Como, sem paternalismo e, ao contrário: com aquela natural displicência que lhe advinha do seu porte aristocrático, nos convidava a investigar os assuntos a tratar, a aferrolhar a emotividade e a examinar a comunicação e o seu efeito na estratégia da informação moçambicana, numa palavra: como nos criticava. Receio apenas que tenhamos aplicado insufficientemente esse ensino na qualidade do jornalismo que então se ia produzindo no «Notícias», em estado de alta tensão.

No decurso das conversas, que eram a perfeita antítese do formalismo, do aparato de conhecimentos, numa palavra: que eram cabalmente terra-a-terra, Aquino dava-nos indicações preciosas, resultantes da sua vivência, do seu estudo, do seu interesse de informar e de se informar e, sobretudo, do cuidado de compreender e de julgar correctamente.

Vi-o, mais tarde, em actos públicos, com aquela encantadora modéstia que é timbre dos grandes de espírito, assumir posições de algumas vezes, contrastavam com o conformismo, com a versão unívoca, com os sectarismos. En-

tão, a sua capacidade de análise, o seu rigor de pensamento, a sua inquebrantável fidelidade aos princípios, o seu patriotismo sem jaça — como se diz na linguagem de honra do Português antigo —, conferiam às suas intervenções o valor de fecundas, lúcidas, inestimáveis, intervenções.

Nos nossos últimos encontros, Aquino continuava essa tarefa de jornalista: passar em análise se os mais recentes materiais publicados teriam sido objecto de análises frias e de larga visão no sentido de se averiguar se, ao fim e ao cabo, os seus impactos junto dos leitores, da opinião pública, seriam vantajosos ou prejudiciais à estratégia política visada. Isto é: se aquilo que se publicava teria sido examinado do ponto de vista da intervenção no local e tempo apropriados, no espaço geo-político onde deveria influir.

É, pois, o homem e o jornalista que evoco com saudade, lastimando a sua morte e destacando que ele morreu ao serviço da causa que adoptou como razão de ser da sua existência de cidadão e jornalista. Lamento que a imprensa moçambicana não tivesse chegado a aproveitar até à exaustão as potencialidades que a sua lição poderia ter proporcionado. Nem tudo se perdeu, porém, nesta morte absurda e prematura: a sua actuação deve ser evocada como exemplar e os seus escritos como material pedagógico exemplar.

Fernando Couto
Maputo, 27 de Outubro de 1986

e arte para a criação do primeiro laboratório de fotografia.

Esboçados os primeiros alicerces do sector da informação na sua componente fotográfica, Daniel Maquinasse foi enviado de novo para Cabo Delgado, onde registou importantes momentos da Luta Armada de Libertação Nacional.

Maquinasse, guerrilheiro-fotógrafo da «Voz da Revolução», esteve sempre presente munido da sua máquina fotográfica lá onde foi necessário registar a denúncia da servidão colonial, da crueldade do colonialismo e generalizadamente a participação popular na Luta de Libertação Nacional.

Maquinasse fotografou bombardeamentos e travessias de rios, emboscadas e ataques a quartéis, transportes de material de guerra pela população em percursos longos e dolorosos, a dor pelos companheiros que caíam e a força sempre renovada dos combatentes.

Maquinasse fotografou também a cultura enraizada no trabalho nas zonas libertadas: hospitais, a produção agrícola, as escolas. As cenas de dor e as cenas de alegria.

Pela sua objectiva retivemos as imagens essenciais do desenvolvimento da luta e dos resultados nela alcançados.

Foi ele o fotógrafo dos Acordos de Lusaka e da Tomada de Posse do Governo de Transição em 1974. Foi ele o fotógrafo da proclamação da Independência Nacional e da tomada de posse do primeiro Presidente do primeiro Governo da República Popular de Moçambique.

Pelo seu trabalho profissional mostrámos ao mundo as imagens da violência das agressões rodesianas.

Com a sua câmara sublinhou a importância para a Paz dos Acordos de Lancaster House e o júbilo do Povo zimbabweano, pela proclamação da sua independência.

Daniel Maquinasse, combatente veterano da Luta de Libertação, desde 1968 e fotógrafo profissional, ganhou em 1983 o primeiro prémio da 2.ª Exposição Internacional de Fotografia na Casa de Amizade em Moscovo.

Daniel Maquinasse, pelo seu mérito, pela dedicação, talento, espírito de sacrifício e patriotismo, foi agraciado com as medalhas «Nachingwea» e «Veterano da Luta de Libertação de Moçambique». Era membro fundador e dirigente da Associação Moçambicana de Fotografia.

Daniel Maquinasse foi um companheiro profundamente respeitado pela dignidade sempre revelada no desempenho da sua profissão, pela sua iniciativa criadora na busca de soluções destinadas a melhorar o trabalho e pela sua capacidade de entusiasmar companheiros e amigos.

Daniel Maquinasse foi o amigo calmo, tranquilo e ponderado junto do qual procurávamos o conselho avisado, a sugestão oportuna. A sua personalidade afável conquistava a amizade de todos nós.

Daniel Maquinasse assumiu a verdadeira dimensão do seu povo e registou-a com a sua arte para a posteridade.

Foi um combatente dedicado à causa do Socialismo, que connosco viveu os momentos decisivos da vida do nosso Povo.

Daniel Maquinasse deixa viúva e quatro filhos menores.

Recordamos,

EDUARDO VIEGAS MAVILHA, nascido a 9 de Outubro de 1958, na localidade de Nangia — Marrupa, província do Niassa.

Oriundo de modesta família camponesa, ainda criança sentiu na carne as garras da exploração colonial ao ver-se obrigado a ir trabalhar numa cantina para apoiar os fracos recursos materiais de seus pais.

Só em 1971, com o auxílio de um tio, consegue iniciar os seus estudos primários na Misão de S. João de Brito, em Nipepe.

Como tantos outros moçambicanos, Eduardo Viegas viu-se impossibilitado de prosseguir os seus estudos. Após a conclusão do ensino primário para subsistir trabalha como empregado doméstico.

Com a queda do colonial-fascismo, novos horizontes se rasgam para este jovem oprimido e explorado.

É assim, que, com apenas 16 anos de idade, Eduardo Viegas Maviha, durante o Governo de Transição, alista-se nas fileiras das Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM).

Possuidor de um grande espírito de iniciativa e responsabilidade, aquando do histórico IV Congresso do Partido Frelimo, assumiu perante os seus superiores o compromisso de recuperar importante aparelhagem das Forças Armadas, cumprindo na íntegra a sua palavra.

Revelando elevada maturidade e alto espírito patriótico, distinguiu-se pela sua disciplina, sendo seleccionado para trabalhar na Direcção de Segurança de Responsáveis.

As suas qualidades políticas e morais, o seu bom relacionamento com camaradas de trabalho, o seu aprumo militar, conduziram a que fosse destacado para prestar serviço junto de Sua Excelência o Presidente da República, Samora Moisés Machel.

No desempenho desta honrosa função encontrou a morte ao serviço da Pátria. Da Pátria a que dedicou toda a sua juventude e energia.

Recordamos,

O Capitão PARENTE FRANCISCO MANJATE, nascido em 20 de Dezembro de 1957, na localidade de Manjacaze, província de Gaza.

Oriundo de humilde família camponesa, iniciou os seus estudos em 1966 na Escola Primária de Manjacaze. Como tantos outros moçambicanos, Parente Francisco Manjate, viu-se im-

possibilitado de prosseguir os seus estudos, após a conclusão do ensino primário.

Ainda muito jovem viu-se obrigado a procurar emprego, tendo conseguido colocação numa escola particular em Maputo, onde passou a ensinar duas turmas de 2.^a e 3.^a classes, em turmas que lhe ocupavam todo o dia. À noite tinha que dar explicações à mulher e aos filhos do patrão.

Sobre Parente Manjate abateram-se as forças da opressão e exploração coloniais.

Em busca de uma vida melhor, que o sistema colonial teimava em recusar-lhe, em 1972, com 15 anos de idade, estagia como pintor junto de um seu tio.

É com a queda do colonial-fascismo que Parente Manjate encontra novos horizontes começando a trabalhar como ajudante de laboratório, no sector de engenharia civil.

Cumprindo o seu dever sagrado para com a Pátria em 1978 ingressou nas Forças Armadas de Moçambique.

Porque revelasse qualidades de alto sentido de disciplina, de comportamento exemplar e de elevado brio no cumprimento dos deveres mi-



«Mais determinados pela memória do sangue que derramaram»

litares, Parente Francisco Manjate, é escolhido para trabalhar na Direcção de Segurança de Responsáveis.

Aquelas mesmas qualidades de patriota e militar exemplar conduziram a que, já com a patente de capitão, assumisse a honrosa função de ajudante de campo de Sua Excelência o Presidente da República, Marechal Samora Moisés Machel.

No desempenho destas altas funções encontrou a morte ao serviço da Pátria. Da Pátria a que dedicou toda a sua juventude e energia.

Recordamos,

ALBERTO ERNESTO CHAÚQUE, nascido em 27 de Novembro de 1957, em Unguane — Magude, província do Maputo.

Teve uma infância como qualquer criança moçambicana de origem camponesa.

Iniciou os estudos primários em 1968, na Escola da Munhuana, concluindo a 6.^a classe, em 1975.

Em 1976 ingressou no professorado, leccionando na Escola Primária Unidade 30, no Bairro 25 de Junho, na cidade de Maputo.

Por ter revelado comportamento exemplar foi escolhido para responsável da Informação do Grupo Dinamizador, tendo sido eleito em 1979, Secretário da estrutura política daquele estabelecimento de ensino.

Ao mesmo tempo que exercia as suas funções de professor, como forma de alargar os seus conhecimentos, em 1977 matriculou-se na Escola Comercial.

Cumprindo o sagrado dever da defesa da Pátria, em 1979, Alberto Chaúque ingressou nas Forças Armadas de Moçambique (FPLM).

Como fruto da sua dedicação ao trabalho, sentido de disciplina e espírito agudo de responsabilidade, veio a ser integrado no Serviço Nacional de Segurança Popular.

Nestas funções, nomeadamente na província de Tete, revelou elevadas qualidades de militar brioso e consciente defensor da Revolução.

Por estas qualidades, foi chamado a integrar a Guarda Pessoal de Sua Excelência o Presidente da República, Marechal Samora Moisés Machel.

No desempenho desta honrosa função encontrou a morte ao serviço da Pátria.

Recordamos,

ALBINO FALTEIRO, nascido a 26 de Março de 1946, no distrito de Vilanculo, província de Inhambane.

Oriundo de modesta família camponesa, tal como a maioria dos moçambicanos da sua idade, muito cedo se viu obrigado a procurar emprego para subsistir e apoiar a sua família.

Como funcionário da Presidência da República, desde logo se destacou devido às suas grandes qualidades de dedicação ao trabalho.

Sempre desejoso de aprender a melhor cumprir o seu dever, Falteiro era um homem respeitador, simples e honesto.

O seu brio profissional e o sentido patriótico que transparecia na realização das suas tarefas concorreram para que ganhasse a grande confiança do Presidente Samora Machel. Por isso, Albino Falteiro desempenhou as funções de Chefe Adjunto da mesa Presidencial.

Era um dos hemens destacados para servir delegações estrangeiras completando, na penumbra, a sábia diplomacia do nosso Presidente, diplomacia essa, que lançou bem alto o nome da República Popular de Moçambique.

Por essa razão, o Camarada Presidente dizia:

«São estes homens que através das aparentemente pequenas tarefas permitem que eu cumpra as grandes tarefas da Nação.»

Falteiro morre quando regressa à Pátria

cumprida que fora mais uma das suas missões, acompanhando o seu Presidente. O Presidente que tanto amava.

Albino Falteiro deixa viúva e filhos.

Recordamos,

JOSÉ QUIVANHANE, nascido em 21 de Janeiro de 1941, no distrito do Bilene, província de Gaza.

Descendente de família camponesa pobre, passou uma infância cheia de privações.

Como tantos outros moçambicanos da sua geração, também ele se viu privado do acesso aos bancos da escola, ficando-se pelo ensino rudimentar indígena.

Em 1964 é admitido como empregado doméstico no Palácio do então Governador-Geral.

Trabalhador honesto, dedicado, cumpridor, José Quivanhane permaneceu nas suas funções até à queda do colonial-fascismo português.

Durante o Governo de Transição, revela todas as suas qualidades de trabalhador digno e exemplar, de moçambicano consciencioso, sendo por isso seleccionado para integrar o corpo de pessoal de apoio a Sua Excelência o Presidente da República, Samora Moisés Machel, exercendo a função de camareiro.

O segredo da beleza e apresentação, sempre impecável, da indumentária do Camarada Presidente residia nas suas mãos.

Ao longo destes 11 anos, afirmando-se como homem merecedor da confiança, que nele depositava o mais alto dirigente da Revolução Moçambicana, José Quivanhane mostrou ser trabalhador altamente organizado, de grande brio profissional e de apurado sentido de sigilo, em suma o melhor trabalhador.

Foi no cumprimento destas tarefas, acompanhando dedicadamente, como sempre o fez, o Camarada Presidente, que encontrou a morte.

José Quivanhane deixa viúva e 3 filhos menores.

Recordamos,

AZARIAS INGUANE, nascido a 26 de Março de 1959, em Maivene — Chibuto, província de Gaza.

Filho de modesta família camponesa transportava com ele a força tranquila e a modéstia sem servilismo dos seus antepassados.

Repórter e fotógrafo do jornal «Notícias» e do semanário «Domingo», cujas secções fotográficas chefiava, Azarias Inguane ingressou na carreira jornalística em 1979, respondendo a um apelo efectuado pelo Jornal «Notícias».

Excelente companheiro de trabalho, chefe de secção íntegro e cumpridor, soube granjear a amizade e o respeito de todos os seus camaradas de profissão, incluindo colegas de imprensa estrangeira.

Azarias Inguane amava a sua profissão, jamais discutindo a grandeza das tarefas que lhe eram atribuídas, desempenhando-as correctamente, sem olhar a horários.

A sua generosidade e dedicação profissionais levaram a que frequentes vezes substituísse voluntariamente colegas seus impedidos de trabalhar, e colocasse à disposição do próprio jornal meios e instrumentos pessoais.

Conhecendo e compreendendo as dificuldades que o País enfrenta, nunca recusou fazer caminhadas a pé, para chegar aos locais, onde tinha que realizar trabalho.

Combatente da informação, corajoso e firme, Azarias Inguane, jamais vacilou, mesmo quando efectuava trabalhos de reportagem em pleno teatro de operações.

Apesar de ter sofrido dois ataques do inimigo prosseguiu sempre com a mesma determinação e vontade a sua acção de informar o país.

Estas qualidades de profissional competente mereceram o elogio e o apreço de diversas entidades, tendo sido galardoado com diversos prémios e distinções.

Amava profundamente o seu Presidente. A seu lado pereceu, no cumprimento de mais uma missão de serviço, engrandecendo a Pátria moçambicana, a Informação e a sua profissão.

Azarias Inguane deixa viúva e filhos menores.

Recordamos,

ORLANDA JOSSIAS GARRINE CHUMAIO, nascida a 2 de Julho de 1959, na cidade da Maxixe, província de Inhambane.

Efectua os seus estudos primários e secundários em Maputo.

Não obstante a sua juventude, sente necessidade de dar o seu contributo à reconstrução do País e começa a trabalhar no Ministério da Indústria e Energia.

Como jovem conscienciosa, assumindo o dever patriótico de defesa da Pátria, em 1979, no auge da agressão ao nosso País pelo regime ilegal e racista de Smith, Orlanda Chumaio ingressou nas fileiras das Forças Armadas de Moçambique.

Fez a sua preparação político-militar na Moamba.

Seleccionada para as fileiras da Força Aérea Popular, cedo revelou, qualidades de dinamismo, disciplina, aprumo e dedicação ao trabalho que conduziram a que assumisse a função de chefe do pessoal de cabina, com a patente de 2.º Sargento.

A competência e alto sentido de responsabilidade que evidenciou no cumprimento das suas tarefas fizeram com que passasse a integrar a tripulação nos voos presidenciais.

Foi no desempenho desta honrosa missão, que Orlanda Garrine Chumaio encontrou a morte.

Orlanda Garrine Chumaio, deixa viúvo e filho menor.

Na terra generosa da nossa Pátria repousam já os restos mortais dos nossos queridos amigos e camaradas:

- João Tomás Navesse
- Gulamo Khan
- Esmeralda Luísa
- Alferes Fernando Lázaro Nhaquila
- Adão Gore Nhica
- Nacir Charamadane Matano
- Soria Francisco Arone
- Maria Ilda Carrau.

Durante os seus funerais enaltecemos a sua vida exemplar.

No momento solene em que recordamos mortos que nos são tão queridos, não poderemos deixar de falar e relembrar com a mesma dor e saudade aqueles que, lado a lado com o nosso Povo, sofrendo as nossas canseiras, regozijando-se com as nossas vitórias, aceitando todos os sacrifícios, longe do país que os viu nascer, mas partilhando conosco a Pátria universal dos lutadores da liberdade, chegaram ao sacrifício supremo de misturar o seu sangue com o do nosso Povo.

Recordamos aqui com pesar a memória dos nossos queridos camaradas:

- Henriques Bettencourt
- Ulisses la Rosa Mesa
- Yuri Novodram
- Igor Kartamychev
- Oleg Koudrianov
- Anatoli Choulopov.

A vossa memória de internacionalistas dedicados à causa dos Povos será para nós estímulo para continuarmos a luta, e a intensidade do sofrimento que a vossa ausência nos provoca, constituirá um incentivo para redobramos os nossos esforços pela paz, pelo progresso e pela prosperidade do nosso Povo.

Camaradas e Amigos,

A Nação moçambicana está de luto pelo desaparecimento físico dos companheiros:

- Luís Maria de Alcântara Santos
- José Carlos Lobo
- Aquino de Bragança
- Tenente-Coronel Fernando Honwana
- Alberto Cangela de Mendonça
- Muradhali Mamadhussen
- João Tomás Navesse
- Ivete Lídia Luísa Amós
- Osvaldo Fernando de Sousa
- Bernardino Carlos dos Santos Chiche
- Gulamo Khan
- Major Daniel Maquinasse
- Capitão Parente Francisco Manjate
- Nacir Charamadane Matano
- Adão Gore Nhica
- Eduardo Viegas Maviha
- Alberto Ernesto Chaúque
- Albino Falteira
- José Quivanhane

- Azarias Inguane
- Alferes Fernando Lázaro Nhaquila
- Sargento Orlanda Jossias Garrine Chu-maio
- Esmeralda Luísa
- Sofia Francisco Arone
- Maria Ilda Carrau.

Em nome do Bureau Político do Comité Central do Partido Frelimo, da Comissão Permanente da Assembleia Popular e do Conselho de Ministros da República Popular de Moçambique, queremos apresentar às famílias enlutadas dos nossos queridos companheiros os mais profundos e sinceros sentimentos de pesar.

São sentimentos partilhados por todos os moçambicanos, que, do Rovuma ao Maputo, sentem a vossa dor de mães, de pais, de esposos, de filhos, de irmãos.

A vós agradecemos o amor, o carinho, o desvelo, o apoio, a harmonia do lar, a compreensão pelas tarefas, que tantas vezes afastavam os nossos queridos companheiros do vosso convívio.

Conhecemos bem a imensa importância, que teve a felicidade dos lares que com os vossos companheiros construístes para que eles pudessem dedicar toda a sua energia, inteligência e trabalho às suas tarefas de militantes e patriotas.

Despedimo-nos de companheiros cujas vidas enriqueceram as nossas vidas. Companheiros que souberam transformar em acção concreta, em combate ardoroso, em obra fecunda o seu amor à Pátria e ao Povo.

O seu exemplo de militantes, de revolucionários, de combatentes pela liberdade, de lutadores internacionalistas, de patriotas permanecerá para sempre vivo nas nossas memórias.

A obra que deixaram, os frutos de combate que travaram são já património da Humanidade. As suas vidas ficarão para sempre gravadas nas páginas imperecíveis do grande livro que é a memória colectiva do nosso Povo. Serão fonte permanente de inspiração das novas gerações.

Do Rovuma ao Maputo, as mãos dos moçambicanos estendem-se para as armas que só a morte impediu que os nossos companheiros continuassem a empunhar com firmeza.

Todos prosseguiremos o seu combate. Mais unidos pelo seu exemplo. Mais firmes pelo legado da sua coragem. Mais determinados pela memória do sangue que derramaram.

Porque habitam o coração de cada um de nós, estarão sempre presentes no calor de todos os novos combates que travamos, na exaltação de todas as vitórias que alcançarmos.

Viveram a Pátria.

A Pátria sempre os fará viver.

A Luta Continua!